

DIALÉTICA E EDUCAÇÃO – DIALÉTICA E VIOLÊNCIA – DIALÉTICA E FELICIDADE

Geraldo Lopes de Souza - AEUDF

# DIALÉTICA – RESUMO HISTÓRICO E CONCEITUAÇÃO

A palavra “dialética” vem do grego. O prefixo “*dia*” dá idéia de reciprocidade ou de troca: *dialegein* é trocar palavras ou razões, conversar ou discutir...Daí o substantivo *dialectike*, a arte da discussão (FOULQUIÉ, Paul, *Dialética*. Gráfica Europar, 1979: 9).

Em Sócrates, a dialética era usada como método de ensino para descobrir as contradições do pensamento, provocando no discípulo a eclosão do conhecimento – a maiêutica.

Como visão de mundo, como filosofia, a dialética nasceu antes de Sócrates. Veio de Heráclito que viveu no século VI a.C. Heráclito ensinou que tudo está em transformação, num total processo de mudança constante. “*Tudo muda tão rapidamente, dizia ele, que não é possível banhar-se duas vezes num mesmo rio*” (GODOTTI, in *Concepção dialética da Educação*, 1983:16). O movimento é o atributo fundamental das coisas – sua substância. “*A realidade não é apenas Ser, ela não é, por igual, apenas Não-Ser. A realidade é uma tensão que liga... Ser e não-Ser*” (CIRNE-LIMA, *Dialética para principiantes*. Porto Alegre: EDIPUCS, 1996: 19). Esta postura vai imputar a Heráclito a criação do princípio de contradição.

Ao contrário de Heráclito, Parmênides, seu contemporâneo sustentava que o movimento é uma ilusão e que a realidade é imutável. Este filósofo é o responsável pelo princípio de identidade, que vai ser uma espécie de lei fundamental da filosofia ocidental, que pode expressar-se desta forma:  $A=A$ , isto é, todo ente é igual a si mesmo, ou um objeto não pode ser ao mesmo tempo e sob o mesmo aspecto igual e diferente a si mesmo. Ora, é exatamente este princípio de identidade que vai ser questionado pela filosofia dialética de Heráclito, o qual admite que um objeto pode ser, ao mesmo tempo, e sob o mesmo aspecto, igual e diferente de si mesmo.

Temos, pois, em Heráclito os traços fundamentais da Dialética: dois pólos que se excluem: tese e antítese. O terceiro elemento – a síntese – só será explicitado, mais tarde, por Hegel, pois nem em Platão, a síntese apareceu com clareza. É verdade que, em sua filosofia esotérica (para um grupo de conhecidos e amigos), Platão a tangencia, às vezes, com vigor.

Diante do princípio de identidade e do princípio de contradição, Aristóteles optou pelo primeiro, criando sobre ele sua Lógica Formal que vai comandar o pensamento durante a Idade Média e parte da Idade Moderna. A realidade não muda. É a estática prevalecendo sobre a dinâmica.

### A dialética como processo triádico

Por ter firmado o terceiro tempo da dialética – a síntese, Hegel se projeta como o criador da dialética moderna. É verdade que a contradição continua configurando a substância da realidade. “*O ser de uma coisa finita é trazer em si o germe de sua destruição; a hora de seu nascimento é também a hora de sua morte... Tudo caminha para seu fim através do choque de contradições.... A contradição é, pois, para Hegel a fonte de todo o movimento e de toda a vida*” (SUCUPIRA, e. *Introdução ao pensamento dialético*. São Paulo: Alfa-Ômega: 1983: 68).

Entretanto, segundo Hegel, a dialética não pode restringir-se a uma afirmação/negação. O mundo físico e, sobretudo, o mundo humano não pode resistir a este atritamento contínuo. Entre a positividade da tese e a contundência da antítese, deve-se colocar a luva da síntese que, na visão hegeliana, é a integração do que há de bom na tese e o que há de bom na antítese.

Segundo Hegel, a dialética não é só afirmação, não é só contrariedade, é também consenso. É verdade que toda síntese é o começo de um novo processo triádico. Exemplo: o grão de milho (tese) é posto na terra, nasce uma haste (antítese), aparece uma espiga (síntese). Por sua vez, essa espiga se torna tese, é triturada, transformando-se em fubá (antítese) que por sua vez se transforma em broa (síntese).

### As características da dialética

1) A contradição é a própria substância da dialética. A contradição se resolve em termos contraditórios. Este linguajar é impróprio, visto que termo contraditório nega

inteiramente a realidade, o que não é o caso. Próprio é usar o termo “contrário”, pois este não nega inteiramente a realidade, dando asa ao diálogo, ao consenso;

2) Totalidade. Sem esta característica, a dialética não tem sentido. Mais do que outras filosofias, a dialética é, maximamente, visão de conjunto. Nela, se concretiza o velho princípio: sem a visão do todo, não se compreendem as partes;

3) Simultaneidade. Na dialética, tudo acontece ao mesmo tempo. Não há um antes e um depois. É como as ondas do mar, não se sabendo onde começam e onde terminam;

4) Criticidade. Por sua estrutura de afirmação, negação da afirmação e negação da negação, a dialética se credencia como a filosofia mais crítica que possa existir, até o presente momento;

5) Ausência de hierarquia. Na dialética, uma coisa não é mais importante do que outra. Tudo é importante, por isto é a filosofia que melhor se presta para fomentar a igualdade entre os homens e a conservar os ecossistemas;

### Princípios da dialética

1) Princípio da totalidade – tudo se relaciona, quer no mundo humano, quer no mundo social. *“Nenhum fenômeno... pode ser explicado isoladamente...Separado do processo...o fenômeno torna-se totalmente desprovido de real significação”* (COTRIN, G. *Fundamentos de Filosofia*. 13ª ed. São Paulo: Saraiva, 1997: 260);

2) Princípio do movimento - tudo se transforma. A dialética considera todas as coisas em seu devir, visto que ele é a própria substância das coisas; não é adequado dizer que a realidade possui movimento, mas sim, que ela é o próprio movimento;

3) Princípio da mudança qualitativa. *“A lei das mudanças quantitativas em mudanças qualitativas diz como, de que modo, ocorre o processo de desenvolvimento, e qual é o mecanismo deste processo. Expressa a relação recíproca entre os contrários qualitativos e quantitativos. Para compreender a essência dessa lei, é preciso, antes de tudo, esclarecer o que é quantidade e o que é qualidade... (...) O conceito de qualidade exprime as características de semelhança e de diferença que as coisas possuem. Por qualidade entende-se o conjunto de características substanciais que expressam a natureza e os traços específicos de uma coisa...”*

(...) *A quantidade caracteriza o objeto sob o aspecto do grau, da intensidade ou do nível de desenvolvimento de uma qualidade... As características qualitativas e quantitativas estão indissoluvelmente unidas e mutuamente determinadas, representando o aspecto do mesmo objeto*” (KAPRÍVINE, *O que é Materialismo Dialético*. Moscou:1986: 165/172);

Qualidade e quantidade são dimensões atuais em relações dialéticas na realidade. Qualidade é o conjunto das características de uma coisa; está presa à substância da realidade; sem ela, a realidade perde sua finalidade; exemplo: a gasolina, sem a característica da inflamabilidade, perde seu sentido. A qualidade, por sua vez, leva ao aumento da quantidade. Máquinas agrícolas de maior qualidade, aumentam a produção de grãos.

4) Princípio da contradição: tudo se opõe. Este princípio pode denominar-se também lei da unidade e luta dos contrários. Este princípio enuncia um paradoxo: para haver oposição entre os elementos, é necessário que eles estejam interligados. Aliás, é esta interligação que faz a diferença entre termos contrários e termos contraditórios em que não existe nenhuma interligação. *“A transformação só é possível por que, no seu interior, coexistem forças opostas tendendo simultaneamente à unidade e à oposição”* (GADOTTI, 1983:15). Por sua vez, Kaprívine explica: *“Por contrários, entendemos os aspectos, as tendências e as forças internas dum objeto ou de um fenômeno que se excluem mutuamente, mas, ao mesmo tempo, não podem existir umas sem as outras”* (KAPRIVINE, *O que é Materialismo Dialético*, Moscou, 1986: 155).

A dialética baseada em termos contraditórios já não tem mais sentido, pelo menos depois que Hegel colocou em evidência a terceira face da dialética, que é a síntese.

É verdade que, hoje, a concepção de síntese, visualizada por Hegel, está superada, já que, por ser tese de um novo processo, não pode ser integração, mas sim, união. Alguns chegam mesmo a pensar que a síntese só existe em nossas cabeças, não passando ela de um ente de razão, uma utopia, a antecipação ideal de algo que ainda não existe. O que não podemos admitir é uma dialética sem a convivência dos contrários, nem que seja como ente de razão. É aqui que aparece nossa recusa à chamada dialética negativa, que seria um retrocesso puro e simples a Heráclito.

## Afinal, o que é dialética?

Dialética pode ser entendida como a teoria das leis gerais do movimento, do desenvolvimento do mundo e do conhecimento humano. Ou seja, a filosofia dialética pode ser definida como modelo mental dos processos de modificação e desenvolvimento do mundo.

Mais uma observação sobre a importância da síntese. A negação não pode ser absoluta. Caso contrário, se interromperia o fio do diálogo. E diálogo é a modalidade original da dialética, como está claramente patenteado em Sócrates e redescoberto em Paulo Freire. *“De algum modo, ela recupera a consciência da necessidade do diálogo, que estava presente no seu nascimento, na Grécia Antiga... A dialética... nasceu incorporando, através do diálogo, as razões do outro”* (KONDER, in Prefácio de *Dialética Hoje*, 1990).

Afinal, dialética é o diálogo das coisas entre si; das coisas com os homens e dos homens consigo mesmos e com os outros homens.

## Dialética no Brasil

A dialética moderna é um movimento filosófico recorrente e autocrítico que, partindo, na Europa, de Hegel, passa por Marx, Lenine, Gramsci, Lucaks, Sartre e outros e, no Brasil, vem aninhar-se no pensamento de Álvaro Vieira Pinto na década de 50/60. De Vieira Pinto, partem dois seguimentos que vão abrigar-se em um Grupo capitaneado por Demerval Saviani, que vai criar a pedagogia histórico-crítica, valendo-se lembrar que essa pedagogia não contempla o lado existencialista e fenomenológico já presente em Vieira Pinto. O outro seguimento dialético, contendo já elementos existencialistas e fenomenológicos, vão informar a pedagogia dialético-fenomenológica de Paulo Freire.

### A força pedagógica da dialética

As filosofias essencialistas, por não se interessarem pelo presente, se descredenciam como as melhores filosofias para a solução dos problemas da educação que tem de, ao mesmo tempo, levar em consideração a dimensão triádica do ser humano: passado, presente e futuro. O mesmo se diga das filosofias existencialistas que só dão importância ao presente, acrescentando-se o inconveniente de exacerbarem o egoísmo. A dialética une o que há de bom nas duas visões pedagógicas – a do Essencialismo e a do Existencialismo. Nem tudo nas filosofias essencialistas é inaceitável. O Essencialismo,

insistindo na dimensão do passado e na dimensão do futuro e o Existencialismo, insistindo na dimensão do presente e da subjetividade, têm muito a colaborar com o processo educativo.

Por sua vez, a dialética, absorvendo a dimensão do passado, do presente e do futuro, a dimensão da objetividade e da subjetividade, se credencia a apresentar um melhor aporte filosófico para a solução do problema da Educação.

Lembre-se de que, a dialética integra teoria e prática pedagógicas numa relação de dependência, simultaneidade e reciprocidade e integração. Esta integração se baseia nas seguintes premissas:

a – A teoria nega a prática enquanto prática imediata, isto é, nega a prática como dado imediato (não construído pelo homem em suas mediações histórico-sociais);

b – A teoria não mais comanda a prática, nem se dissolve nela. A prática, por sua vez, não é mera aplicação da teoria, pois ela é a matriz desta.

Esta última premissa que integra teoria e prática se assenta em alguns princípios:

1 – “*A prática de pensar a prática é a melhor maneira de pensar justa e corretamente*” (Paulo Freire).

2 – A prática é fonte da teoria, por isso esta depende daquela;

3 – A teoria tem como finalidade a prática. Não existe conhecimento inútil.

Conhecimento não é para enfeitar, mas para fecundar;

4 – A prática é o fundamento, a finalidade e o critério do conhecimento

verdadeiro;

5 – A prática é tanto atividade subjetiva quanto atividade objetiva.

Registre-se também que a educação não pode ser nenhuma imposição. Isto a educação dialética não perpetra, pois nela não existe nenhuma hierarquia, tudo está no mesmo nível. De sua vez, ninguém se educa sozinho, pois a educação é dialética e dialógica; isto implica duas ou mais pessoas a no processo; é isto que exige o prefixo *dia*

que significa duas ou mais pessoas conversando, discutindo, dialogando, contestando. “Sendo por essência um diálogo, a dialética pressupõe evidentemente a existência de duas personagens (Souza, Geraldo. *Dialética – a terceira Via da educação*, p. 77). A educação, lembrando Kant, se faz contra a presença do outro e do mundo. Por isto, podemos dizer que o verdadeiro diálogo é conflituoso, dialético. Com efeito, a dialética é contradição, mas diálogo também. “A Dialética em primeiro lugar é convite insistente à discussão e à prática, à criatividade, ao diálogo crítico e produtivo” (DEMO, *Dialética e qualidade política*, in *Dialética Hoje*, 1990: 134). E continua Pedro Demo: (...) diálogo é fala contrária entre agentes que divergem, à medida que cada qual possui mensagem própria” (idem, p. 132).

A dialética “recupera a consciência da necessidade do diálogo que estava presente no seu nascimento, na Grécia antiga. Dialética e diálogo são – não podemos esquecer isto – irmãos gêmeos: ambas as palavras provêm do prefixo *dia* (que indica reciprocidade)... A dialética, por conseguinte, nasceu incorporando, através do diálogo, as razões do outro” (Konder, no Prefácio de *Dialética Hoje*, 1990, p.8).

Mas, não percamos de vista, a cidadania, finalidade exponencial da educação, “(...) começa com a capacidade de dizer não” e, conseqüentemente, “Sociedade educada é aquela composta de cidadãos críticos e criativos” (DEMO).

Pois bem ostentando, pela síntese, a virtude de respeitar “o ponto de vista que se explicita no ponto de vista do outro”, de respeitar a complexidade das coisas e, sobretudo, do ser humano, que é, por estrutura, processual, nada melhor que a filosofia dialética para deslindar o emaranhado ardiloso do todo tético do poder, visceralmente, incrustado no processo educativo, já que Francis Bacon, com muita propriedade, afirmou que “conhecer é poder”, e a educação é, entre outros, um processo de conhecimento. Pela antítese, tem-se o poder de destruir o que há de inaceitável neste todo tético/sincrético pedagógico, e pela síntese, tem-se o poder de unir posições contrárias, administrar contradições.

Teoriza a antropologia mais evoluída que a violência, estágio mais avançado do instinto de defesa, faz parte do código genético do ser humano. Nos tempos primordiais, em que o homem tinha de sobreviver à força de vencer as agruras e as intempéries do meio, essa força genética tinha de ser acionada em sua plenitude. A propósito, uma

pequena estória:

– hoje existe mais violência do que no começo do mundo?

Joãozinho – indaga a professora

No começo do mundo – responde – Joãozinho.

Como? pergunta, insôfrega a professora.

Explica Joãozinho, no começo do mundo, a metade da humanidade era violenta, hoje, não.

## **De onde você tirou isto? – retruca , entre assombro e curiosidade, a professora.**

Segundo a Bíblia – continua o menino, os filhos de Adão não eram dois? e Caim não matou Abel? Logo a metade da humanidade era violenta, mais do que hoje.

Deixando de lado a piada, o certo é que a violência anda às soltas. Mata-se à toa, não raro, por diversão. Parece até estar com razão, quem, à guisa de explicar o que é ideologia, afirmou que Deus criou o mundo de cabeça para cima e, por inveja, apareceu o demônio e o colocou de cabeça para baixo.

A violência campeia. Como detê-la? Diz o bordão filosófico: *sublata causa, tollitur effectus* – eliminada a causa, tira-se o efeito. Mas quais são as causas, as variáveis antecedentes da violência? Onde estão elas? Tentemos elencar algumas, lembrando que, numa visão dialética, não há um antes e um depois; as coisas se dão ao mesmo tempo,



numa simultaneidade recíproca e contínua., não se percebendo aqui o que é mais importante. Sem preocupação de hierarquia, eis algumas:

1) Fala-se muito sobre educação para a competência e raramente se fala em educação para a consciência crítica. Temos mesmo a tentação de pensar que este é o único critério de avaliação de uma escola. Ora, sem uma educação integral, ancorada numa ética genuinamente concebida, a competência desliza-se para a competição, da competição deslizamos para os protecionismos alfandegários, daí para os cartéis, para o conluio, para o tráfico de influência, para as maracutáias, para a lavagem de dinheiro, daí para o comércio sexual, de drogas – a destruição, a morte. É doloroso lembrar que, talvez, o maior antecedente da violência está encravado no processo educativo, pois se trata de uma violência subreptícia que, fatalmente, terá efeito a longo prazo. Até parece que a nossa educação está a serviço da morte e não da vida;

2) A destruição da auto-estima. Alguém nesta condição perde a mediania das coisas e pode entrar no corredor da morte, praticando a violência;

3) A violência simbólica. Não damos a devida conta ao potencial de reação destruidora a esta violência subliminar, já referida no ítem primeiro, dos aparatos jurídicos, “legais”, pedagógicos da violência, também, nominada de psicológica;

4) A desigualdade social é uma questão cultural, e não estrutural (nos tempos primevos ou primordiais, ela não existia). Com a cultura ela emergiu. A cultura é uma segunda natureza, e como tal, ela pode ser controlada por outra cultura; o que acontecerá com a vontade política dos detentores do poder, criando um processo educativo adequado aos tempos, como já descrevemos na primeira parte desta comunicação. O que não pode ser minimizado ou precarizado é o uso dos direitos fundamentais da pessoa humana: como o direito à vida, logo, direito à comida, à moradia, ao vestuário, ao conhecimento, ao prazer, à velhice digna e tranqüila;

5) O desnível no plano do conhecimento dos povos e das massas. As guerras são provocadas, em grande parte, por aqueles que detêm o maior aporte de conhecimento. O homem é um ser epistemológico. Segundo o filósofo François Jacob, ele é condicionado, mas... para conhecer. Assim, não lhe dando o Estado, oportunidade de conhecer, está este subtraindo do ser humano algo de sua propriedade essencial – o que só pode provocar violência. O homem é um ser epistemológico: nasceu para aprender. Parafraseando o poeta Musset, podemos dizer: quem passou pela vida e não conheceu, não foi homem; foi um expetito de homem: não viveu. Evidentemente que não se trata de conhecimento ingênuo, acrítico, infecundo, só para enfeitar; este é inútil. O conhecimento que contribui para a hominização do ser humano deve responder às seguintes perguntas: que é conhecer? por que devemos conhecer? de onde vem o conhecimento? qual seu método? qual seu grau de aceitabilidade? qual sua validade? para que serve?

6) A agressão ou o descuido ecológico. Sabemos que antes do século XVI a questão ecológica não havia despontado. O mundo era considerado um todo orgânico, ferir uma parte deste organismo era ferir toda a natureza. Os ecossistemas (absolutamente vitais para a sobrevivência do homem) eram preservados.

Pois bem, a tecnologia, agora ancorada, a partir do século XVI, por uma ciência racionalista e obtusa, começou a colocar o equilíbrio ecológico em crise. No afã de eliminar os exageros castradores da Idade Média, chegou-se ao extremo de substituir a visão clássica e orgânica do mundo pela visão mecanicista do homem e do mundo. Está formada a bulha. Um dos corifeus da nova ciência (nova?), o já citado Francis Bacon, lança o mote: “*luta contra a natureza para (pasmem!) vencê-la*”. Os escombros desta visão, estamos descobrindo hoje. A terra foi sugada num sorvedouro de voracidade desbragada da nova civilização do ter.

Coincidentemente, contemporânea da nova ciência e da nova tecnologia que dela surgiu, nasce também a nova escravidão. Aqui estão as mais agressivas premissas

do desastre ecológico. Se o mundo é uma máquina (Newton), se o homem é também uma máquina (Descartes), podemos sugar-lhes todas as possibilidades, sem nenhuma prestação de contas. Esvaídos totalmente, vão para as sucatas. Vamos explorá-los até às fezes.

Depois, abandonemo-los aos carcomas do tempo e aos miasmas das endemias. Afinal, o mundo é uma máquina e o escravo negro (!) não tem alma. A pretexto de vencer a natureza, escravizêmo-la. Da escravidão à destruição é um passo. A terra torna-se um deserto e o mar , o túmulo dos africanos do *meio-sul!!!*

7) Por fim, vamos colocar, como antecedente da violência, o que Cristovam Buarque escreveu no Correio Braziliense (19 de setembro de 2001), sob o título de Terror Contínuo, título que, no corpo do texto, Cristovam, chama de Terror camuflado. Trata-se do pensamento único da riqueza concentrada e imposta pelo Neoliberalismo. A imposição neoliberal, nada mais é do que a estatização descarada do terror – é o próprio Cristovam que afirma – feito por estados contra indivíduos e o terror escancarado de indivíduos contra vítimas inocentes. No início do artigo, Cristovam já havia dito que o século XX criou o poder técnico da destruição e o acúmulo de mágoas sociais e intolerância. “*O resultado é um mundo indignado com a arrogância dos ricos e assustado com o poder dos terroristas*”. Corroborando as afirmações de Cristovam, temos o seguinte excerto de Pedro Demo: “*o domínio tecnológico não tende a emergir como chance espetacular de construção da **felicidade** na sociedade, mas como técnica refinada de agressão do ser humano contra si mesmo e contra a natureza, mormente como tática de concorrência desenfreada*”. (DEMO, in *Dialética da Felicidade*, 2001, V. I p. 29)

## Como amenizar o problema da violência?

Já que é o nosso campo, vamos lembrar o recurso à filosofia dialética.

A dialética de Heráclito, por ser um todo contraditório de tese e antítese, não podia favorecer a paz. Aliás, é de sua lavra a expressão: “*a guerra é a parteira da história*”. Mas a dialética heraclitiana foi enriquecida por Hegel que, por isso, é considerado o pai da dialética moderna. Hegel descobriu ou redescobriu (vez que Platão, em sua filosofia esotérica já falava dela) a síntese, que é o terceiro tempo da dialética que é a união do que há de bom na tese e o que há de bom na antítese. Entre a afirmação da tese e a contundência da antítese, se interpõe a luva da síntese, impedindo as primeiras se atritem.

É a bandeira da paz que começa a drapejar no fundo do horizonte ou a porta da esperança que começa a entreabrir-se. Com efeito, a realidade não é posição de subjetividade, nem um mundo de objetos predados, mas sim, uma “*conexão acontecimental*” em que o sujeito se transforma, de certa forma, em objeto e o objeto se transforma em sujeito. Sujeito e objeto são mutuamente imbricados. Tal imbricação, porém, não implica em absorção de um pelo outro. Como sabemos, mais tarde, esta tese vai ser reafirmada categoricamente por Heidegger: “*não existe homem sem mundo, nem mundo sem homem*”.

A nosso entendimento, a dialética é a filosofia que pode salvar a subjetividade e a objetividade, inerentes ao ser humano, pois só na dialética se pode conceber a subjetividade como síntese do sujeito e do objeto e a objetividade como síntese do objeto e do sujeito. E, por isso mesmo, capaz de proporcionar um ambiente de paz para a humanidade. Resta lembrar que a dialética salva a subjetividade quando propõe a integração entre teoria e prática. Sem essa integração, não somente é impossível o conhecimento, como também a pacificação da humanidade. Outros argumentos em favor de nossa afirmação de que a filosofia dialética ajuda a pacificar os ânimos, podemos encontrá-los em Manfredo e Oliveira, in *Educação e Debate*, Fort. 14 (2) jul/dez 1987, p.10/11) e, sobretudo em Marilena Chauí, in *Convite à Filosofia*, 1997: 203/204. Também podemos reler o que está escrito na primeira parte desta comunicação, p.6/7.

## *DIALÉTICA E FELICIDADE*

Começemos lembrando a afirmação de um poeta: todos querem a felicidade; o problema é que a procuram onde ela não está e onde ela está, não a procuram.

As filosofias idealistas e realistas, respectivamente, de Platão e Aristóteles, ensinam que a felicidade está na contemplação das idéias que, segundo Platão, estão no Paraíso e, segundo Aristóteles, estão no coração das próprias coisas. Os seguidores do Hedonismo colocam a felicidade nos prazeres e o do Estoicismo a colocam na abstenção dos mesmos. Por sua vez, as filosofias cristãs colocam a felicidade na contemplação de Deus.

A filosofia dialética coloca a felicidade **na superação das contradições**, dos conflitos, das situações limites (na linguagem de Paulo Freire). Isto se faz através da síntese. Vamos frisar, se não há contradição, conflito, obstáculos a vencer, não pode haver felicidade.

Observação: nesta parte, vamos transcrever várias passagens da monumental obra de Pedro Demo, *A Dialética da Felicidade*, obra em três volumes editada pelas Vozes em 2001.

Na p. 95 do v. III, encontramos o seguinte: *“A perspectiva de fazer dos limites desafios parte do realismo de que a vida é limitada. A própria noção de potencialidades acarreta o reconhecimento de que só é potencial aquilo que , de partida, é limitado. Entretanto, toma os limites como desafios, no sentido de motivação a mais para o confronto. **A felicidade** tem ligação muito estreita com estratégias de confronto, advindo o prazer menos de eventos exitosos do que da própria luta renhida mantida em alta e como proposta constante... a estratégia é manter-se na luta, vivo para lutar.*

Desde que não falte estrutura ética, a alegria incontida da felicidade emergirá, pois o ser humano é capaz de lutas inacreditáveis e pode dar sua vida por uma causa boa ou má.. Se não podemos ter a felicidade pretendida, lutemos de unha e dente para ter a felicidade possível, que é sempre vencer as contradições, administrar conflitos. Para se ter a felicidade possível, não se pode contar com receita pronta, já que o movimento dialético vive do acaso, não se sabendo onde começa e onde termina, ressaltando-se uma característica: a dialética é como espiral, os volteios nunca se encontram e o todo anda sempre para frente.

Pedro Demo (p. 97) afirma que, dialética como é, a felicidade é relativa e provisória e será tão mais provisória quanto mais intensa ela é. *“Isto não é defeito, mas a própria estrutura da dialética. Felicidade absoluta é pura paranóia ou truque de auto-ajuda para apanhar os incautos.* Podemos planejar nossa felicidade desde que levemos em conta nossos limites. Aceitar os limites não é desistência do projeto de felicidade, desde que eles sejam considerados como desafios. Assim considerados os limites, poderão eles trazerem grande motivação para a realização da felicidade.

Para se conseguir a felicidade, algo é fundamental: que conheçamos a nós mesmos. Temos que reconhecer não só os limites externos, mas também, e até mais, os limites internos. Não podemos restringir a felicidade a uma experiência subjetiva, mesmo

porque a dialética não aceita a dicotomia subjetividade/objetividade. A felicidade se dá no todo humano.

Se a dicotomia subjetividade/objetividade deve se descartada, o mesmo não se pode dizer da autocrítica, sendo esta o saber pensar o próprio destino com serenidade e criatividade. Exercendo o poder da autocrítica, não raro, descobrimos que as causas de nosso dessabores estão em nós mesmos. “*Antes de culpar os outros, o mundo, a vida, o destino, a sociedade, o governo, é preferível perguntar até que ponto nós mesmos somos a origem primordial de nossas frustrações*” (DEMO, *Dialética da Felicidade*, V. III, p. 98).

Pedro Demo afirma que o movimento de autocrítica é “*particularmente difícil*” e passa a expor os motivos desta dificuldade. Vamos acompanhá-lo, ainda que alterando, fundindo ou eliminando um ou outro motivo:

“*Primeiro, porque nos acostumamos muito mais facilmente à crítica. Entendemos criticar como criticar os outros, dificilmente percebendo que seu centro não é criticar os outros, mas criticar a nós mesmos em primeiro lugar. Com efeito, a coerência da crítica está na autocrítica. ... Antes de criticar os outros, urge averiguar se a reclamação não caberia melhor em nós*”. (p.99). De nossa parte, acrescentamos que criticar é descobrir o conteúdo silenciado. Este pode estar em outrem, mas pode estar em nós mesmos, daí a necessidade da autocrítica. Pedro Demo lembra, em seguida, que, ao contrário do que muitos pensam, a autocrítica não prejudica a auto-estima. *Autocrítica prejudicial é a que oculta problemas, fantasia virtudes insistentes, proclama hipocrisias* (idem, ibidem). A auto-estima honesta se baseia na autocrítica e, assim, ajuda na criação das condições da felicidade.

“*Segundo, como todo gesto que vem de dentro pode ser auto-defesa, sobretudo em se tratando de crítica, a autocrítica não pode dispensar a crítica externa, como referência corretiva fundamental... Em termos de aprendizagem, por exemplo, é mais fácil aprender com crítica externa do que apenas com a autocrítica. Assim, uma não pode substituir a outra. Mas – continua Demo na mesma página – a primazia cabe à autocrítica*”.

“*Terceiro, a autocrítica é a demonstração viva do reconhecimento de nossos limites que temos dentro e fora de nós, mas, ao mesmo tempo, o instrumento mais inteligente para darmos conta deles*”. ( p. 100) A auto-estima significa que não podemos fazer tudo que nos vem à cabeça, mas também que podemos ir muito além do que imaginamos. “*O*

*jogo das potencialidades é em grande parte a graça do ser humano, que sabe brincar com o perigo e fazer das tragédias um certame interessante e motivador”. (idem, ibidem).*

*“Quarto, a autocrítica combinada com a crítica, estabelece padrões mais realistas de auto-estima, respeitando a **unidade de contrários** dos limites e desafios. A auto-estima que não conhece limitação descamba para a prepotência, alimenta-se da mentira e prepara frustrações tanto mais destrutivas. Neste sentido é fundamental saber escutar a crítica externa, por que é ela que pode apontar para divergências que a autocrítica não vê ou não quer ver... Saber aprender é sobretudo reconstruir os erros, que são melhor vistos de fora” (idem, ibidem).*

*“Quinto, embora a felicidade dificilmente possa ser planejada em termos estritamente científicos, por que não é empreitada apenas lógica e linear (este foi o equívoco de Kant, acrescentamos nós), pode ser sabiamente construída, desde que se consiga reconstruir as frustrações, erros, percalços, insatisfações.... Saber transformar o sofrimento em ocasião de alegria, enriquecimento próprio, motivação reconstrutiva é, em grande parte, a chave da **felicidade**”.*

*“Sexto, na unidade de contrários (indispensável na dialética – acrescentamos nós) é mais fácil ver o lugar efêmero, muitas vezes, superficial, do prazer... a sociedade atual tem multiplicado o entretenimento, não a felicidade. Hoje, ...pode-se aceitar que temos mais oferta de prazer. Difícil é ligar esta oferta bem acrescida com a **felicidade**, se a definimos na esteira da eudemonia de Aristóteles. Com efeito, o prazer é a experiência central da vida humana, uma das motivações que não apenas nos mantém ligados em processos vitais, mas sobretudo nos levam a realizar o processo evolucionário com alguma tranquilidade. O fato, por exemplo, de que a mãe de filho excepcional resolva dedicar-se inteiramente, pela vida toda, a cuidar dele, com extraordinária generosidade e carinho, dificilmente poderia ser explicado apenas pela virtude moral. Forças profundas genéticas colaboraram para esta inclinação, e permitem que a mãe se sinta realizada, apesar de tudo... O que nos parece sofrimento desmesurado, pode ser para ela a forma muito satisfatória de realizar-se. Essa generosidade não é só sofrimento, é também prazer. Claro, um prazer não sensual, mas moralmente compensador.*

*Mesmo assim, também o prazer efêmero tem seu lugar, porque nos move a enfrentar dificuldades que, de outra forma, nos levariam ao desânimo. Entretanto – continua Pedro Demo - não podemos confiar inteiramente no prazer efêmero” (...) é*

*impróprio tanto celebrar este tipo de prazer como sentido da vida quanto condená-lo como fútil, sem mais.. É fútil se pretende substituir a alegria mais intensa e profunda da conquista. O prazer eventual, procurado por si mesmo, nos prepara enormes frustrações, por que nos oferece satisfações superficiais que, podemos, no momento, querer ardentemente, mas, no longo prazo, se esvaziam fatalmente. Comparando com o contexto da aprendizagem, é essencial aprender com prazer, mas este não substitui o esforço sempre também penoso de aprender” (DEMO, p. 103).*

*“Sétimo, a autocrítica não desfaz nossa ingenuidade estrutural, mas pode tornar-se sua companheira sempre alerta e com isto aumentar muito nossas oportunidades de **felicidade**. O gosto naturalmente amargo da crítica torna-se o sal que tempera a vida. Trata-se do passo atrás, não para dar meia-volta, mas para pisar melhor no próximo passo... Neste sentido, a autocrítica não destrói o otimismo. Antes, lhe empresta o necessário realismo... Neste sentido, a autocrítica representa o bom manejo da insatisfação como motivação permanente... A autocrítica precisa saber apontar nossa tendência íntima, e aí temperar o pessimismo com aberturas sempre renovadas, bem como refrear o otimismo com a serenidade dos limites.*

*“Oitavo, porque o ser humano é tão ligado em elogio, prestígio, poder, a autocrítica lhe parece extremamente difícil e penosa... Já lhe parece demais ser criticado pelos outros. Que seja ainda criticado por si mesmo, , sabe a mau gosto e falta de amor-próprio. Mas se olharmos para certas teorias da felicidade que apontam para o traço egoísta, interesseiro e colonizador do ser humano, observaremos que grande parte dos problemas é “arranjada” por nós mesmos, ou, pelo mesmos, exacerbada... A autocrítica, como autodiagnóstico sempre atualizado e inteligente, pode ser estratégia criativa para lidar com a unidade dos contrários que nos habita” (p.104).*

## **ADMINISTRAÇÃO DO SOFRIMENTO E DA ALEGRIA N VISÃO DIALÉTICA**

Não percamos de vista que a felicidade é a superação das contradições, portanto é uma questão dialética. Assim, os limites são sobretudo desafios. “*Mesmo que a partir de certo nível não seja mais possível progredir, é preciso empurrar até onde for possível. Uma coisa é ajeitar-se na cadeira de rodas... outra coisa é fazer da cadeira nova proposta de*



*vida, plena de realização. A criatividade possível nesta direção parece, por sua vez, quase inesgotável, tamanha é a coragem humana nos momentos mais dramáticos... Muita gente, com efeito, encontra a felicidade, mesmo depois de uma desgraça. Antes parecia tudo normal e rotineiro. Depois, sob intenso desafio, aprende-se arrancar água das pedras.*

*(...) Estou usando o termo ‘administração’ não no sentido sistêmico comum da proposta circular e que levaria a coibir a idéia de criação para além dos limites do sistema... Esta noção é dinâmica apenas na circularidade... não sai do lugar. É nisto também linear. Será mister desenhar a visão **dialética** que é sistêmica dinamicamente, ou seja, elaborar em cada sistema as condições suficientes de sua superação. Sob a ação da **antítese** menos radical, permanece o sistema menos renovado. Sob a ação da **antítese** mais radical, supera-se o sistema”. Em vista disto, aqui temos a revolução que é mudança de sistema. Na situação anterior, só temos reforma. (DEMO, V. III, p. 104/108).*

*A educação é dialética; só aprendemos – dizia Kant – contra os outros. (...) aprender, em grande parte, é saber viver perigosamente, porque este é o preço da autonomia.*

Quanto à alegria, sua administração é mais fácil. Entretanto pode acontecer o contrário. É necessário distinguir a alegria do “bobo alegre” e a alegria do ser humano feliz. A primeira é fátua, eventual, inconsistente; esta expressa a intensa busca da felicidade como um todo. É possível obter imenso prazer depois de um trabalho duro. É a força da dialética, agindo por seus contrários. Neste sentido, a alegria não contradiz o sofrimento, “*porque a melhor alegria é aquela que sublima o sofrimento*” ...*alegria vem aqui como expressão da personalidade capaz de administrar para que deixe de ser fátua e eventual*” (p.110).

Administrar a alegria é a capacidade de contornar a “*monotonia, resgatando continuamente a felicidade, que se desgasta de maneira natural. A alegria de toda hora só pode ser banal*”. É necessário reconhecer que a intensidade é passageira, para ser profunda. A autocrítica leva-nos a entender que as expressões mais profundas de **felicidade** são fugazes. A maior alegria é a busca incansável. “*Toda chegada realiza e entristece*” (p. 111). O que a dialética insinua é que, diante da decadência inevitável da intensidade, oponha-se a possibilidade de a refazer, até com maior intensidade. Mesmo que, para isto, tenhamos de renascer, qual Fênix, das cinzas.

---